

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 4– abril, 2015

O TERRORISMO EMOCIONAL

Ierecê Barbosa¹

A hipótese de suicídio do copiloto do avião Airbus A 320 que ia de Barcelona para Düsseldorf, vai se consolidando e o mundo todo se pergunta: por quê? O que mais escutei nesta semana foi a frase: *Poxa, se o cara queria se matar que se matasse sozinho!* Realmente, nossa racionalidade sinaliza que ele não tinha o direito de acabar com a vida de 149 pessoas. Entretanto, ninguém está imune ao terrorismo emocional, aos efeitos nocivos das emoções descontroladas advindas de conflitos cognitivos. Impossível separar a emoção da razão, esse foi o grande erro de Descartes. É necessário aprender a lidar com as emoções conflitantes, mas isso só é possível quando a pessoa reconhece que elas existem e podem ser potencializadas se não forem tratadas.

Todo suicida foge de algum problema que não consegue resolver ou de alguma perda que julga não superar. Uma pessoa com pensamentos suicidas emite pedidos de socorro o tempo todo. O problema é que não sabemos decodificar ou não acreditamos em seus apelos. Somos por demais racionais. A espetacularização da morte vem nessa linha, ou seja, culpar o maior número de pessoas pelo fato de ninguém ter lhe ouvido ou estendido às mãos, evitando assim que ele desistisse de viver, principalmente aquele que o suicida julga ser o culpado pelo seu sofrimento psíquico.

A alegria dos jovens, retornando do intercambio, pode ter agravado a dor de quem se encontra no fundo do buraco negro da infelicidade. Isso é muito louco, mas quando o suicida percebe que aquilo que falta nele sobra em alguém a sua frente, as chances de arrastar ou atrair o outro para o seu ato tresloucado aumentam. Entram aí sentimentos de inveja, raiva e ódio descontrolado daquele que tem algo que ele não possui. É um pensamento doentio, que se mistura com as emoções negativas e se agrava com o desencantamento do mundo.

O uso de psicotrópicos também pode causar transtornos de comportamento e criar dependência, alucinações. No caso do copiloto fica difícil a análise. Primeiro, as informações da caixa preta são insuficientes. Segundo, ele morreu e morto não faz terapia. Porém há um terceiro caminho seguido pelos investigadores: as pistas semiológicas. Os ícones, os símbolos e os índices falam. É nessa categoria que entram as receitas médicas, o tratamento com os psiquiatras, o término do namoro, etc. É através da semiologia que os médicos legistas conseguem reconstituir crimes aparentemente insolúveis, pontuando seus laudos. Os mortos falam através dos sinais deixados em seu corpo e no ambiente do crime.

O lance do término da relação amorosa com a namorada pode estar também no centro do conflito cognitivo. A fragilidade dos vínculos humanos na pós-modernidade é

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 4– abril, 2015

um indicador de insegurança, sofrimento e desejos conflitantes. Quando falta chão e a pessoa não tem em quem se apoiar, a coisa complica. Ela terá que buscar apoio nos próprios sentidos, mas não há sucesso quando falta resiliência.

Na pós-modernidade, o desejo de se relacionar é desestabilizado pelo medo de se prender a um relacionamento envolto em posses. No mundo individualizado, os relacionamentos vivem em estágio de equilibração, isto é, em movimento. São denominados relacionamentos de gangorra, de um lado o sonho, do outro o pesadelo. Impossível o equilíbrio, que é estático. Tal ambivalência é desestabilizante e a maioria das pessoas não sabe lidar com o estar junto e separado ao mesmo tempo. Há, ainda, aquele lance do sentimento de rejeição: quando se é rejeitado pela qualidade se desforra na quantidade.

Controlar a impulsividade no momento de forte tensão é uma atitude sábia, de quem tem controle sobre si. Como tudo na vida, o controle dos impulsos, destrutivos ou não, é um aprendizado que começa na infância. Mesmo assim, não há receitas. Aqui e ali a gente ouve que alguém tranquilo perdeu a cabeça e agiu por impulso, fazendo o maior barraco ou cometendo um crime.

Não temos como justificar o injustificável. Entretanto, cabe chamar a atenção para o mundo das emoções, principalmente para quem age por impulso, pois somos responsáveis por nossas ações e escolhas. É provável que mais informações relacionadas com o perfil psicossocial do copiloto venham à tona. Isso não diminui a tragédia, nem traz de volta a vida dos passageiros. Entretanto, temos que reconhecer que o esforço de compreender o incompreensível é, sem dúvida, uma tarefa que resgata a nossa humanidade e pode preparar as bases para mudanças relacionadas às medidas de segurança voltadas para o terrorismo emocional, pois não foi a primeira vez que a emoção sabotou a razão, em pleno céu azul.